

## **VERMELHO BRASIL, DE JEAN-CHRISTOPHE RUFIN: ALGUMAS REFLEXÕES**

*Elizabeth C. Gomes\**

### **RESUMO**

Esse romance histórico-fictício trata do sonho, implantação e destruição da colônia francesa na Baía da Guanabara entre 1555 e 1565. Villegagnon, Thévet, Jean de Léry e os pastores Richer e Chartier são personagens verdadeiros que presenciaram o primeiro culto reformado em toda a América, e fizeram parte da história real. Just, Colombe e outros são personagens da imaginação do autor para ilustrar as buscas e descobertas pessoais no contexto da descoberta e construção do novo mundo por franceses no Brasil. Os mártires huguenotes Pierre Bourdon, Matthieu Verneuil e Jean du Bourdel marcaram com sangue essa tentativa de estabelecer a França Antártica como parte da visão conceitual reformada.

### **PALAVRAS-CHAVE**

*Vermelho Brasil; França Antártica; Villegagnon; Calvinismo; Jean de Léry.*

### **INTRODUÇÃO**

“... ser homem implica o sentimento de uma força superior, e ainda que todos se acham tão presos uns aos outros que, qualquer que seja a maneira de servir a Deus, todos têm uma religião, certa ou errada, não se pode dissimular, para compreender de que lado se coloca naturalmente o homem...” Assim se expressa Jean de Léry quando começa a narrar suas aventuras no Brasil em 1557.<sup>1</sup>

---

\* A autora é mestranda em Teologia Filosófica no CPAJ. É tradutora e colaboradora dos Ministérios Refúgio junto a seu esposo, Rev. Wadislau Martins Gomes.

<sup>1</sup> LERY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 48.

Através da leitura de *Vermelho Brasil*, observamos as diversas cosmovisões em conflito na época da tentativa de implantar uma colônia francesa no Rio de Janeiro: a atração inicial de Villegagnon pela Reforma e, após algum tempo, sua rejeição da *Weltanschauung* reformada; a visão católico-romana em conflito com a reformada-huguenote; as diversas visões dos índios tupis; a percepção confusa e interesseira dos variados mercenários e exploradores; a formação das cosmovisões bastante diferentes dos dois irmãos e principais protagonistas da história, bem como as referências a grupos de anabatistas e outros dissidentes – todos são figuras de um Brasil que nunca veio a se arraigar.

*Rouge Brésil* é uma obra de ficção sobre a época da invasão do Brasil pelos franceses, liderados pela expedição de Nicolas Durand de Villegagnon, em 1555. Foi traduzida para o português em 2002. Seu autor, Jean-Christophe Rufin – médico sem fronteiras que viveu em Recife como adido cultural da França – nos transporta à França Antártica do Rio de Janeiro, nos anos 1555-1565, na fracassada tentativa de estabelecer um governo de reformados huguenotes no Brasil.

Para nos aprofundarmos no clima intelectual, social e histórico da época dessa história ficcional, fazemos referências históricas a Jean de Léry, um dos catorze missionários genebrinos enviados por Calvino à colônia de Villegagnon, junto com os pastores reformados Pierre Richer e Guillaume Chartier. Também fazemos menção à *Tragédia da Guanabara*, de Jean Crespin, bem como referências a André Thévet, escritor contemporâneo de Léry e oposto a ele, e a alguns conceitos de reformados da época. Fazemos breve referência ao moderno historiador Buarque de Holanda, ao sociólogo Darcy Ribeiro e a outros autores, quanto à sua visão da colonização francesa na Guanabara.

Acompanhando as surpresas que o destino reserva aos irmãos Just e Colombe, o livro põe em cena duas concepções opostas do homem e da natureza. De um lado, a civilização européia, conquistadora e universal, que propõe ser libertadora e se descobre assassina. Do outro, o mundo sensual indígena, com sua noção de harmonia e sua visão animista do sagrado.

Esse romance de formação conta a história de duas crianças, Just e Colombe, um menino e uma menina, que iludidos, aceitam participar da grande aventura em terra estranha. A sugestão de levar crianças como *trugimães*, ou intérpretes, na expedição de franceses que seria feita ao Brasil, foi dada por Bartolomeo Cadorim (que mais tarde prova ser espião dos portugueses) ao capitão Le Thoret, comissionado por Villegagnon, vice-almirante da Bretanha. Cadorim explica:

É sabido que a criança tem o dom das línguas. Ponha um adulto cativo em terra estrangeira, e ele precisará de dez anos para saber usar algumas palavras fami-

liares. Uma criança, no mesmo número de semanas, saberá falar correntemente e sem sotaque.<sup>2</sup>

Ele sugeriu que a criança tivesse cinco ou seis anos, ao que o oficial protestou por ter Villegagnon expressamente proibido que mulheres fossem embarcadas nos seus navios. Criança tão nova precisaria ser acompanhada de mãe ou ama.

“O dom das línguas não se perde com a formação do corpo... é preciso encontrar meninos em condições de partir e não sejam muito vadios...” Le Thoret teria de correr os orfanatos.<sup>3</sup>

A madre superiora que ele visitara disse não ter órfãos disponíveis, mas perguntou-lhe: “Não se oporia a levar crianças de melhor condição se lhas apresentássemos?”, e o levou à viúva de um homem cujo irmão caçula era militar na Itália e há três anos não dava notícias.

Just e Colombe Clamorgan eram crianças cultas: liam Ariosto, Virgílio e Homero no original, tocavam flauta e bandolim. Esses sobrinhos de uma viúva teriam cerca de onze a treze anos e estavam ansiosos por deixar a propriedade, sonhando em rever o pai. Estavam a muitas léguas do porto, mas seriam levados na hora do embarque do navio Havre-de-Grace. Enganados pela prima a quem chamavam de tia, que dizia que iriam ao encontro do pai, ambos foram convencidos a cortar o cabelo do mesmo modo, já que Colombe se apresentaria junto com seu irmão como se fosse um menino: Colin.

O cenário principal é a baía selvagem do Rio de Janeiro, ainda entregue às matas e aos índios canibais. Na dedicatória de seu livro a Francisco de Coligny, Jean de Léry recorda:

... minha intenção é a de perpetuar aqui a lembrança de uma viagem feita expressamente à América para estabelecer o verdadeiro serviço de Deus, entre os franceses que para aí se haviam retirado como entre os selvagens que habitam esses países...<sup>4</sup>

A idéia da colônia partiu de Villegagnon, que

inventou de transportar esse país todo para além-mar... um espécime de tudo o que a civilização inventou aqui: padeiros e lavradores, cardadores, marceneiros, vinhateiros, chapeleiros, encadernadores e telhadores... A expedição deles não é só a arca de Noé. É a torre de Babel.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> RUFIN, Jean-Christophe. *Vermelho Brasil*. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 15.

<sup>3</sup> LÉRY, *Viagem à terra do Brasil*, p. 59, menciona “seis meninos, que levávamos para que aprendessem a língua dos selvagens”, presentes no embarque dos navios, que vieram ao Brasil atendendo ao pedido do vice-almirante Villegagnon a Calvino.

<sup>4</sup> LÉRY, *Viagem à terra do Brasil*, p. 31.

<sup>5</sup> RUFIN, *Vermelho Brasil*, p. 53.

## 1. PERSONAGENS PRINCIPAIS

Os principais personagens deste romance são Villegagnon, Colombe/Colin, Just, Quintin, os marinheiros e os anabatistas.

### 1.1 *Villegagnon, o chefe da expedição*

Nostálgico das Cruzadas, impregnado da cultura antiga, o comandante estava frustrado ante a indiferença espiritual do abade franciscano André Thévet. Este, quando lhe foi pedido que celebrasse uma missa, lembrou que havia perdido os paramentos no mar, ao que o autor comenta:

Villegagnon, que havia combatido os exércitos do papa, frequentado os humanistas e até, na Itália, espíritos ousados que se pronunciavam a favor da Reforma, estava profundamente indignado com tudo que pudesse parecer um apego à pompa. Ele acreditava numa Igreja invisível e gratuita, reunindo homens tocados pela graça divina, fossem quais fossem suas obras e seus gestos.<sup>6</sup>

Esse líder possuía uma visão misógina; contudo, era fortemente apegado à mariolatria:

– A França Antártica está em perigo!... A mulher... é o instrumento da Queda, o veículo da Tentação e do Mal... Enquanto tornava a abarcar o aposento, seu olhar deparou-se com o quadro de Ticiano, a tenra carnação da Virgem e seu movimento protetor na direção do Menino.

– Felizmente... Deus quis que esse abismo de pecado, essa criatura de gozo e de perdição fosse também – sorriu ternamente para a Virgem do quadro – a grande via da salvação.

Com olhar distante e angelical, Villegagnon passa a devanear sobre o que compreende como o sacramento principal, ou seja, o casamento para acabar com a devassidão.<sup>7</sup>

O autor de *Vermelho Brasil* descreve com detalhes os pensamentos mistos e confusos de Villegagnon sobre o catolicismo romano e o calvinismo:

Villegagnon dizia a si mesmo que o erro todo fora confiar a Thevet a tarefa de enquadrar seu rebanho corrupto. O franciscano não valia nada como pastor, não tinha de eclesiástico senão o hábito, quando se lembrava de abotoá-lo. Não se podia recriminá-lo por sua indiferença religiosa. Ele era feito à imagem daquela Igreja da França, inteiramente voltada para os interesses seculares: ao menos os seus não eram nem prebendas nem mulheres, mas somente a ciência. Podia-se absolvê-lo disso... Calvino! Gênève! Calvino, o reformador de Gênève, Calvino, o grande pensador cristão que apelava para uma reforma da fé. Calvino,

<sup>6</sup> Ibid., p. 154.

<sup>7</sup> Ibid., p. 169, 170.

o homem fino, muito diferente daquele grosseiro Lutero que desencadeara anarquia e devassidão entre os alemães e que, felizmente, estava morto há dez anos, maldita fosse sua alma. Calvino, seu amigo!

Ainda que seus destinos depois tivessem sido diferentes, Calvino e Villegagnon tinham sido colegas na faculdade de Orléans... Após estudos honestos, embora de direito, Villegagnon inscrevera-se como advogado no parlamento de Paris. Aos vinte e um anos é que escolhera seu verdadeiro caminho... ele vestira para sempre a túnica carmim com a cruz-de-malta branca. No entanto... era para os estudiosos, os artistas e os filósofos que Villegagnon dirigia sua admiração tonitruante... E Calvino, ao publicar há vinte anos a *Instituição da religião cristã*, conquistara seu lugar entre eles.

Villegagnon... lembrou-se da corte de Ferrara, onde havia passado uma temporada. Renata de França, filha de Luís XII e mulher do duque de Ferrara, fazia reinar à sua volta uma mentalidade culta e tolerante onde todas as idéias novas eram debatidas. Bispos eram recebidos ali, e Calvino, apesar disso, era estimadíssimo. Diziam até que era o confessor da duquesa.

Villegagnon não duvidava que Calvino, homem do retorno às simplicidades dos primeiros tempos da Igreja, fosse a pessoa de quem ele precisava para armar seu rebanho em debandada. Quantos pastores deveria pedir a Calvino?... Cinco ministros... o envio de jovens casadouras seria também muito útil para a colônia.<sup>8</sup>

## 1.2 *Colombe/Colin*

Sobre a menina que viajou como menino para tornar-se intérprete-tradutor, diz-se de Colombe:

O mais fácil, na verdade, era a linguagem das palavras. As mulheres iniciaram-na em rudimentos de conversa com os quais ela se familiarizou bastante depressa. Porém, quão mais difícil era a gramática dos corpos... tão claramente legível quanto um livro e igualmente misterioso, quando a língua é desconhecida.<sup>9</sup>

Durante sua estada entre os índios, além de aprender a língua e os costumes, Colombe amadurece fisicamente e se torna mais propensa à feminilidade das índias, intimamente ligada à terra e à natureza.

Era uma imprudência, por certo. Mas há prazeres pelos quais a pessoa se deixa levar porque recusá-los seria cometer um crime contra si mesma. Quando se sentiu rodeada pelas mulheres índias, cheias de afagos, rindo alegremente e desvelando-se num balbucio que ela compreendeu sem contudo distinguir as palavras, Colombe não procurou resistir a elas nem desmenti-las: tinha a impressão de se ter livrado de um fardo... seu corpo se transformara durante a travessia e fora necessária a dieta forçada do barco para não lhe dar sua opulência de adulta.

<sup>8</sup> Ibid., p. 197-199.

<sup>9</sup> Ibid., p. 162.

O regime da ilha romperá esse dique e ela adquirirá curvas que seus trapos mal escondiam... Despidendo Colombe do resto de seu traje, as mulheres indicaram por gestos de dedos sua repulsa diante de tanta imundície. Ao mesmo tempo em que tirava a roupa, Colombe sentiu uma grande vontade de se ver livre daquela sujeira que era como um forro íntimo. As índias levaram-na alegremente para um pequeno córrego que havia na floresta... Ali, uma das mulheres, mergulhando primeiro, mostrou a Colombe que ela não precisava recear perder pé. Colombe desceu também, e todas em volta dela esfregaram-na com punhados de vegetais que pareciam musgo e untaram sua pele com uma espuma branca... Nesse momento delicioso em que a revelação de seu sexo fazia-a rejeitar toda ilusão e toda mentira, ela via sem disfarce a crueldade de sua vida: a errância, o abandono e agora o exílio... Uma velha, trazendo uma gamela com uma resina avermelhada, ajoelhou-se à sua frente e traçou em seu rosto signos que a acalmaram. Uma lua em quarto, deslizando entre os jacarandás, foi a última imagem que ela levou para seu novo sono de mulher.<sup>10</sup>

### 1.3 Just

O almirante Villegagnon se afeiçoa a Just e se incumbe de educar o fidalgo, dando-lhe aulas de esgrima e de filosofia. Indagado sobre o que já tinha lido, Just responde mencionando Hesíodo, Virgílio, Dante, Perceval e os Amadis. Nesse momento, o almirante pergunta se já leu Erasmo e lhe mostra o *Enchiridion*: “Para mim, sua obra mais bela... é escrito num latim muito fácil para quem está familiarizado com Virgílio.”<sup>11</sup>

Ele ama a irmã, mas experimenta conflitos por querer agradar principalmente ao mentor e mandante:

Just continuava a fitá-la intensamente. Via-a mudada, lisa, doce, tensa, o colo formado, a beleza libertada dos limbos da infância. Ele se perguntava apavorado como ainda seria possível fazer Villegagnon acreditar que ela era seu irmão.<sup>12</sup>

Ao amadurecer, Just assume o papel de auxiliar do almirante. Ele

tornara-se um homem feito, e sentia-se bem assim. Lera todos os livros da biblioteca trazida por Villegagnon e mostrava-se capaz de falar sobre os grandes temas da época... Just, que agora abraçara as idéias de Villegagnon sobre a França Antártica, a grandeza da castidade, as belezas do sacrifício, encontrava nos trabalhadores da obra só sarcasmos e hostilidade surda.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> Ibid., p. 156-158.

<sup>11</sup> Ibid., p. 152.

<sup>12</sup> Ibid., p. 169.

<sup>13</sup> Ibid., p. 217, 218.

### 1.4 *Quintin*

Cristão autêntico (se bem que, como todos, caído), “não aprovava essa idolatria, mas também não tinha vocação para contradizê-la. Ele acreditava na simples força da Escritura. Fazia então longas leituras dos Evangelhos e da Bíblia para esses rudes marinheiros...”<sup>14</sup>

Quintin é apresentado como quem procura evangelizar a todos, começando com Just e Colin:

- Você não reza, Colin? – perguntou.
- Bem, rezo... mas em silêncio.
- Deus nos ama, Colin.
- Eu... eu sei...
- Ele abençoa cada um de nossos desejos. Este é o segredo – disse solenemente a voz de Quintin.<sup>15</sup>

“Evangeliza” ainda as índias que comprou de Vittorio e Egídio:

Essas mulheres... eu as evangelizo... desconfio... que essas infelizes conheceram muitas provações. Mas agora, foram apresentadas ao Evangelho. Sou o único, estão me ouvindo, o único aqui a se preocupar em anunciar a boa nova aos indígenas. Nem esse padre se arriscou a fazê-los aguentar aquela macaquice das missas dele.<sup>16</sup>

Tem a disposição de sempre estar orando e em tudo dando graças, como num encontro com Colombe:

- Deixe-me fazer uma oração – disse delicadamente Quintin voltando-se para Colombe. Caindo de joelhos na areia, ele murmurou uma ação de graças erguendo os olhos para seu Deus. Maquinalmente, Colombe seguiu seu olhar.<sup>17</sup>

Com a chegada dos huguenotes, Quintin reconhece nos pastores aqueles que condenaram Servetus e revela com quem estavam as suas simpatias:

Éramos um pequeno grupo em volta de um homem extraordinário. Era um médico espanhol, você não pode imaginar a que ponto ele era bom. Sabia tudo. Seu latim era puro e seus livros são maravilhas de inteligência. Chamava-se... Michel Servet... Os franceses condenaram seus livros. O que é muito normal num país que não entende nada de verdade... Eles o queimaram, Colombe... Calvino não

<sup>14</sup> Ibid., p. 75.

<sup>15</sup> Ibid., p. 78.

<sup>16</sup> Ibid., p. 180.

<sup>17</sup> Ibid., p. 167.

concordava com ele, tratou-o com mais severidade do que os franceses teriam feito. Mandou-o para a fogueira, está me ouvindo? – Eu achava que os huguenotes eram a favor da liberdade. – A deles! Mas o horrível Théodoro de Bèze escreveu no ano seguinte uma brochura intitulada: *Du droit de punir les hérétiques*.<sup>18</sup>

### 1.5 Os marinheiros

Em conversa com o mercador veneziano Cadorim, que lhe pergunta acerca da tripulação dos navios, o marujo Vittorio explica:

... abrindo as celas, não encontraram senão bandidos honestos, pode acreditar. Para cada ladrão ordinário, soltaram dez iluminados que o irmão Lutero enlouqueceu, botando-lhes na cabeça que consultassem pessoalmente a Bíblia... Cada um desses loucos pretende conhecer a melhor maneira de servir a Cristo e tem ódio mortal a todos aqueles que pregam contra. Esses agitados são dispersos, nenhuma comunidade os congrega. Na verdade, na maioria, eles se detestam.<sup>19</sup>

### 1.6 Os anabatistas

Diante das palavras de Villegagnon sobre a conquista dos novos territórios, “mesmo os anabatistas, que odiavam reinos e não descansavam enquanto não os derrubassem, pareciam felizes com a idéia de ter um novo para destruir.”<sup>20</sup>

Sobre os anabatistas holandeses que fazem parte da expedição, Quintin afirma:

Eles sonham em se separar do mundo, cujo fim acham que está próximo. Não precisam da Bíblia; eles seguem as próprias inclinações. São uns bem-aventurados... Coitados. São os homens mais perseguidos da Terra. Quiseram derrubar os reis, as Igrejas, os costumes todos. Alguns deles querem viver como Adão. A bem dizer, todo mundo os odeia e é um milagre que esses aí tenham escapado à fogueira.<sup>21</sup>

Mais tarde, fogem da colônia, e quando são encontrados por soldados, eles criam o horror. Quintin descreve a Colombe como eles foram

decapitados e suas cabeças, furadas de um lado ao outro, estavam enfiadas numa corda como um pavoroso rosário... A princípio achamos que fossem os índios. Mas, ao lado dos corpos, havia essas palavras escritas na areia, meio apagadas: “*Ad majorem dei gloriam*.” – Os anabatistas... disse Colombe olhando para a floresta.<sup>22</sup>

<sup>18</sup> Ibid., p. 246.

<sup>19</sup> Ibid., p. 52.

<sup>20</sup> Ibid., p. 83.

<sup>21</sup> Ibid., p. 76.

<sup>22</sup> Ibid., p. 167.



[Aude] era muito jovem para conhecer a história trágica dos protestantes. Não vivera esse período terrível em que a água fria da Bíblia, jogada por Lutero nos espíritos fervendo de frustrações medievais, produzira explosões de seitas que usavam sua nova liberdade de modo monstruoso e vingativo. Richer, a quem ela interrogou à noite, contou-lhe o terrível destino dos anabatistas, sua fúria para fazer o mal até o extremo, e pela primeira vez, confessou os extraordinários suplícios que esses pobres miseráveis invadidos por um fervor insano tiveram que suportar em toda a Europa.<sup>23</sup>

Essas citações mostram que o autor do romance é bastante parcial na sua descrição desse grupo tão incompreendido e perseguido. É verdade que houve manifestações esporádicas de radicalismo anabatista na Europa do século 16, mas em grande parte esse movimento caracterizou-se por um espírito pacifista, isento de paixões políticas e ideológicas.

## 2. O ROMANCE

A narrativa é construída em quatro livros com, respectivamente, onze, doze, dez e outros dez capítulos, bem como um epílogo. Os livros, intitulados *Crianças para os canibais*, *Guanabara*, *Corpos e almas* e *Siena*, narram as situações cronológicas, com algumas referências pertinentes ao passado. O romance descreve como Just e Colombe (ou Colin, como será conhecido como menino na colônia) vieram a fazer parte dos passageiros do Grande-Roberge, rumo à França Antártica que se estabelecerá na baía de Guanabara. Já na chegada, Villegagnon descobre que está acobertando o rapto dos filhos de um nobre normando, Clamorgan, e resolve colocá-los sob seus cuidados como secretários e ajudantes de ordens.

A chegada à Guanabara, que Villegagnon e Thévet chamam de Genebra, marca o início da aventura em terras brasileiras. O abade Thévet, vindo como cosmógrafo, é figura prepotente e ignorante que abandona a colônia na primeira oportunidade, mas depois escreve dizendo ter testemunhado a presença do grupo de reformados que veio na segunda leva ao Forte Coligny. Em sua mentirosa *Cosmographie universelle*, escreve que certos escoceses, “vindo a conhecer a intriga, a denunciaram ao sr. de Villegagnon e a mim mesmo e foram castigados os impostores, bem como os ministros enviados por Calvino, que também participaram da conjura.”<sup>24</sup>

O primeiro encontro com os índios, bem como a incompreensão da alegria e generosidade destes, inclui a surpresa de estar junto a eles um branco que fala em francês sem sotaque: Gaultier “Le Freux”. Este naufragara havia dez anos e negociava entre os índios com quem quer que aparecesse por aquelas

<sup>23</sup> Ibid., p. 355, 356.

<sup>24</sup> THÉVET, *Cosmographie universelle*, citado por LÉRY, *Viagem à terra do Brasil*, p. 42.

bandas. Passaria a ser fornecedor de víveres e problemas para a pequena colônia francesa.

Colombe ou Colin aproveita cada momento para conhecer melhor a ilha, que “parecia um jardim onde tivessem sido dispostas em ordem as essências que se entrelaçavam no continente... olhava a costa com inveja, pois a ilha lhe abria o apetite para descobri-la e ela não a saciara”.<sup>25</sup> Conhecendo mais, ela faz uma análise sensível da situação da terra e de seus habitantes.

O almirante determina que Colin visite outras aldeias “onde lhe deem boa acolhida, passe uns tempos ali, aprenda os rudimentos da língua. Trate de saber o máximo possível sobre as tribos e volte para me informar”.<sup>26</sup>

Observa-se a cosmovisão depredadora dos colonizadores franceses quanto ao mandato cultural bíblico de “cultivar e guardar” (Gn 1.28), na visão de desfrute irrestrito, segundo as palavras de seu líder: “Essa ilha? – riu Villegagnon contemplando a suave linha de seus cumes. – Em seis meses, o senhor não a reconhecerá.”<sup>27</sup>

Villegagnon envia a Grande-Roberge de volta à França, com cartas para Henrique II e João Calvino, a quem pede o envio de ministros religiosos. Um ano após a partida dessa nau, ela volta trazendo Philippe de Corguilleray, senhor du Pont, Pierre Richer e Guillaume Chartier, não enviados pelo rei da França – que fora deposto – mas por Calvino, de Genebra. Também desembarcaram dez artesãos protestantes, seguidores de Calvino. À noite, desembarcariam ainda as jovens “virgens protestantes puras”, para destiná-las a “casamentos honestos”.<sup>28</sup>

Com os novos reforços cresce a esperança de firmar melhor o forte e a colônia incipiente. Vilegaignon interpela os genebrinos:

- E na França, puderam falar com Coligny? – perguntou o almirante.
- O almirante Coligny – declarou du Pont com esse mesmo ar ultrajado que Villegagnon custava tanto a entender – é meu vizinho. Minhas terras em Corguilleray ficam perto de Châtillon, sua propriedade. Ele não nos recebeu apenas: confiou-nos a missão de vir.
- Villegagnon não via nada de mais na resposta, salvo o tom.
- Fico feliz de saber – disse – que, na França, passou a época das perseguições contra as idéias novas.
- Há dois anos, a Igreja de verdade desenvolve-se aí com vigor – interveio Richer...
- E vai crescer ainda mais na França Antártica! – exclamou Villegagnon com entusiasmo...

<sup>25</sup> RUFIN, *Vermelho Brasil*, p. 136.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 139.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 135.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 224.

– Padre – disse Villegagnon virando-se para Richer –, conduzi sozinho as preces este ano. De alguma forma, travesti-me da dupla função de César e de papa. Cedo-lhe de bom grado esta última...

– Agora, se desejarem – acrescentou –, nós os acompanharemos com muito gosto para assistir à celebração do sacrifício da Ceia.

Villegagnon estava suficientemente inteirado das coisas, desde o caso dos Cartazes até seus encontros em Ferrara, para evitar a palavra missa e usar o termo moderno. Richer fez um sinal de assentimento.

– Verão o quanto – prosseguiu o almirante – este lugar é propício à prática de uma religião pura, de acordo com os costumes antigos, quando Nosso Senhor a fundou.

Essa apologia da simplicidade, que os reformados só podiam subscrever, calou as críticas que eles tinham nos lábios em relação à sua rústica residência.<sup>29</sup>

Os colonos mais antigos viram inicialmente, na chegada dos genebrinos, um importante socorro material.

Os pastores reuniram por toda a ilha grupos aos quais ensinavam a nova doutrina. Bíblias circulavam. Comentavam-se textos. Fartos de selva, de mar e de pão de açúcar, os colonos lançavam-se com volúpia em discussões teológicas que os faziam recuperar as preciosas divisões humanas e a própria essência da civilização.

Mas esse proselitismo desencadeava a indignação de um último grupo: o que recusava categoricamente qualquer ideia de abjurar a fé católica. Dom Gonzaguez era o porta-voz, junto a Villegagnon, dessa tendência rigorosa.<sup>30</sup>

Com a chegada dos pastores Richer e Chartier, e dos reforços protestantes, começaram os conflitos entre o ideal de Villegagnon e o ideal reformado.

A celebração da Ceia foi o primeiro momento divisório e marcante:

O ofício convocou Deus para arbitrar essas fraquezas. E todos ficaram surpresos ao vê-Lo responder a esse apelo... eis que, de repente, graças a esses pastores, Ele mostrava que não os havia abandonado... Na liturgia dos pastores, as orações recitadas lentamente assumiam um tom de conversa: não era necessário gritar para se fazer ouvir pelo Criador que estava entre eles. Tudo, naquela celebração, parecia novo e ao mesmo tempo familiar... Villegagnon acompanhou toda a cerimônia banhado de lágrimas. A alegria, a emoção, o sentimento de ter triunfado e de dever todo o mérito a esse Deus de simplicidade e de delícias que lhe estava sendo dado misturavam-se para submetê-lo ao entusiasmo mais esmagador.<sup>31</sup>

<sup>29</sup> Ibid., p. 235, 236.

<sup>30</sup> Ibid., p. 244, 245.

<sup>31</sup> Ibid., p. 237.

No entanto, afloraram logo as questões: o vinho deveria ser puro ou misturado com água; Deus estava na hóstia fisicamente ou apenas simbolicamente? “Se Cristo está na hóstia, o crente nunca está só... Era preciso intimar os calvinistas a se explicarem.”<sup>32</sup> Foi marcado um colóquio em que os protestantes e os católicos discutiram, concluindo Richer:

Calvino diz: “Aqui não tem senão pão e vinho. E estas não são coisas para garantir a salvação de nossas almas; são alimentos caducos, como diz São Paulo, os quais são para o ventre.” ...

– É a fé do crente – continuou o pastor sem se perturbar – que faz [Cristo] vir em espírito, em sua natureza divina. Mas, quanto a ele, ele está à direita do Pai, tão afastado do pão e do vinho quanto o céu da terra.

A essa altura, Villegagnon exclamou: “Assim, o homem está abandonado, o homem criado por Deus à sua imagem, o homem que reflete a Sua perfeição.” Du Pont, que até então permanecera calado, reagiu: “Pare com suas quimeras, almirante, sobre a bondade do homem. O homem não é bom. Está perdido, condenado, preso a seu destino de querer o mal e fazê-lo.”<sup>33</sup>

A contenda continuou, ordenando o comandante: “– Anotem o que separa e sempre há de separar esses senhores de nós. Começou a propor uma fórmula de desacordo que Richer contestou, a ponto de redigir uma verdadeira certidão de divórcio.”<sup>34</sup> Algum tempo antes, du Pont havia dito a Villegagnon:

– Pare... de nos falar de razão, de debate, de meio-termo. Deus não é uma questão negociável. Não se pode transigir com a idolatria. Cerca de metade desta ilha abraçou a verdadeira fé. Fez isso livremente, quer dizer, reconhecendo a correção dos princípios de nossa Igreja e aceitando obedecer a eles. Não vamos perturbar a quietude dessas almas salvas tornando a questionar o que de agora em diante é reconhecido como verdade...

– Conte conosco para combater tanto o ócio quanto a idolatria – disse DuPont.<sup>35</sup>

Havia sido feita uma tentativa mal-sucedida de colocar ordem na colônia:

A vontade comum de pôr termo à anarquia teológica que paralisava a ilha traduzira-se por uma medida mínima: os sermões agora se limitavam a meia hora, uma vez por dia e num local combinado. Não comportavam mais nem ataques ao papa nem blasfêmias contra a Virgem Maria. Essa moderação contribuíra para trazer de volta um pouco de calma. Mas, de repente, a religião nova não progredia muito mais, e a outra, fiel aos dogmas católicos, estava em condições

<sup>32</sup> Ibid., p. 264.

<sup>33</sup> Ibid., p. 270.

<sup>34</sup> Ibid., p. 271.

<sup>35</sup> Ibid., p. 250, 251.

de dizer que tinha triunfado. Dois campos se desenhavam, um desconfiando do outro, e sua hostilidade corria risco de explodir a qualquer momento.<sup>36</sup>

Não havendo entendimento, os calvinistas foram expulsos do forte e mandados para o continente, onde tiveram de construir abrigos, buscar alimentos e reiniciar a vida. Conforme o autor:

Três meses haviam-se passado desde a chegada dos protestantes à terra firme. Eles haviam organizado uma rotina feita de orações, de turnos de guarda na direção da praia e da floresta, a fim de frustrar um eventual ataque de Villegagnon. Mas este nunca viera... Du Pont, esgotado com tantas provações, parecia ter perdido toda a energia para resistir e combater; uma úlcera feia contraída no ombro enfraquecia o pastor Richer e o deixava indisposto.<sup>37</sup>

A impaciência do vice-almirante com a presença dos huguenotes era visível, estando ansioso para que desaparecessem da Guanabara. Finalmente, vinte e dois deles conseguiram embarcar num velho navio que passava com destino à França. Devido à precariedade do navio e à insuficiência de víveres, cinco artesãos e um soldado aceitaram voltar a terra.<sup>38</sup>

### 3. A TRAGÉDIA DA GUANABARA

Segundo Crespin, inicialmente os huguenotes não acreditavam que Villegagnon iria executá-los:

Entrementes, Jean de Bourdel continuava a exortar os seus companheiros, concitando-os a louvar a Deus pelo privilégio que lhes concedia de serem achados dignos de sofrer pelo seu Santo Nome num país bárbaro e estrangeiro; e lhes dava, outrossim, a esperança de que Villegagnon não seria tão louco e desumano que os executasse, mas somente, decerto, se limitaria a escravizá-los por toda a vida.<sup>39</sup>

Sem fazer qualquer referência à confissão de fé escrita pelos calvinistas, Rufin narra sucintamente a sua tortura, julgamento e execução.

Os seis protestantes encalhados em uma balsa foram julgados um por um. O tribunal, sem grande surpresa, condenou-os a uma morte que, em parte, o carrasco já lhes administrara. Como esse julgamento não servia somente para edificar os colonos, mas para diverti-los, determinaram vários tipos de execução. Haveria dois enforcados, dois decapitados e dois afogados.<sup>40</sup>

<sup>36</sup> Ibid., p. 262.

<sup>37</sup> Ibid., p. 353.

<sup>38</sup> Ibid., p. 357.

<sup>39</sup> CRESPIN, Jean. *A tragédia da Guanabara: a história dos primeiros mártires do cristianismo no Brasil*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 63.

<sup>40</sup> RUFIN, *Vermelho Brasil*, p. 361.

O primeiro a morrer foi Jean du Bourdel:

Então, num movimento brusco, o algoz atirou ao mar o paciente que invocava o auxílio de Jesus Cristo, até que, asfixiado, e de modo tão violento e cruel, rendeu o espírito ao Criador.<sup>41</sup>

Verneuil e Bourdon foram igualmente mortos, após o que Villegagnon mandou fazer aos seus comandados uma larga distribuição de víveres.<sup>42</sup> “Alguns dias depois da execução dos três mártires – diz Gaffarel – metade dos colonos tinha desertado, uns se metendo em desvario pelas florestas; outros procurando as costas na esperança de que os recolhesse algum navio francês.”<sup>43</sup>

No continente brasileiro havia, além de índios, colonos portugueses e mercadores franceses. Entre eles, havia algumas figuras interessantes como o português João Ramalho, que havia se estabelecido em São Vicente poucos anos após chegada de Cabral ao Brasil, e foi pai de numerosos filhos com diversas índias. Rufin menciona a presença do francês Laurent de Mehun, que teria sido deixado na Guanabara em 1500, pouco antes do “descobrimento” do Brasil. Conta ele:

Desde o desembarque de Villegagnon na ilha até suas mais recentes rixas com Le Freux e Martin, Pay-Lo estava a par dos mínimos detalhes da colônia. Dedicou-se a dissipar esse mistério e a evitar a desconfiança deles [Quintin e Colombe]... Vim para cá voluntariamente e foi por minha vontade que aqui fiquei...

– Meu nome é Laurent de Mehun e os índios daí tiraram Pay-Lo, o que quer dizer pai Laurent. Meus pais eram de boa, porém pequena, nobreza, imaginem. Ensinarão-me o quadrivium e tornei-me doutor em filosofia. Apaixonei-me pela geografia. Foi seguindo os mercadores normandos que aqui cheguei nos primeiros dias deste século...

– Então – exclamou Colombe –, o senhor é que descobriu o Brasil!

– Isso não tem rigorosamente nenhuma importância. É preciso toda a pretensão dos europeus para achar que esse continente esperava a vinda deles para existir...

– Quanto a mim – acrescentou sorrindo gentilmente o velho –, foi esse país que me descobriu...

Quando os navios carregados de protestantes chegaram à baía, Colombe estava na terceira viagem às terras de Pay-Lo, sempre acompanhada de Quintin.<sup>44</sup>

#### 4. JEAN DE LÉRY

Quanto ao sapateiro Léry e os índios, diz Rufin:

<sup>41</sup> CRESPIAN, *A tragédia da Guanabara*, p. 64.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 68.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 73, nota de rodapé citando Rocha Pombo.

<sup>44</sup> RUFIN, *Vermelho Brasil*, p. 230-232.

Um dos artesãos, chamado Jean de Léry, percorrerá as aldeias da mata para observar os costumes dos tupis. Ele em vão procurará uma entrada em suas almas, por onde a verdadeira fé pudesse ser introduzida... quando Léry aprendeu um pouco mais a língua tupi, não tardou a ver que Pindauçu era um pobre de espírito que executava esses gestos sem lhes compreender o sentido. Não tinha o menor conhecimento de Deus.<sup>45</sup>

O próprio Léry comenta a religiosidade dos silvícolas:

Entretanto, ainda alguma luz atravessa as trevas de sua ignorância. Acreditam não só na imortalidade da alma, mas ainda que, depois da morte, as que viveram dentro das normas consideradas certas, que são as de matarem e comerem muitos inimigos, vão para além das altas montanhas dançar em lindos jardins com as almas de seus avós. Ao contrário, as almas dos covardes vão ter com Ainhã, nome do diabo, que as atormenta sem cessar.<sup>46</sup>

Descreve os indígenas com realismo, riqueza de detalhes e respeito pela sua dignidade:

... os selvagens do Brasil, habitantes da América, chamados Tupinambás, entre os quais residí durante quase um ano e com os quais tratei familiarmente, não são maiores nem mais gordos que os europeus; são, porém, mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem dispostos e menos sujeitos a moléstias... Apesar de chegarem muitos a 120 anos... poucos são os que na velhice têm os cabelos brancos ou grisalhos.<sup>47</sup>

Léry faz rica e sensível descrição das pessoas, dos vegetais comestíveis e remédios, dos variados animais, aves, répteis, peixes, e dos costumes. Inclui as músicas de duas canções, as primeiras registradas na história dos tupinambás, além de farto vocabulário e explicação de costumes, incluindo o canibalismo. Voltando a se referir à religião dos indígenas, Léry mostra sua cosmovisão cristã em contraste com a animista:

Verificando que quando ouvem o trovão são levados por uma força irresistível a temê-lo, podemos deduzir que não só se verifica assim a verdade do axioma de Cícero de que nenhum povo existe sem alguma noção de divindade, mas ainda que não há desculpa para aqueles que não querem conhecer o Todo Poderoso. Quando o apóstolo (Atos 14.16) disse que Deus permitiu aos gentios seguirem o caminho que bem entendessem, a todos beneficiando, entretanto, com a chuva do céu e a fertilidade das estações, observou que o homem só não conhece o Criador em virtude de sua própria malícia (Romanos 1.20)... mostrarei como

<sup>45</sup> Ibid., p. 353-354.

<sup>46</sup> LÉRY, *Viagem à terra do Brasil*, p. 207.

<sup>47</sup> Ibid., p. 111.

essa semente de religião... brota e não se extingue neles, não obstante as trevas em que vivem.<sup>48</sup>

Lery faz referência à universalidade do dilúvio (Gênesis 6), o qual é descrito pelos índios em suas canções: “Celebravam ainda em suas canções o fato das águas terem transbordado por tal forma em certa época, que cobriram toda a terra, afogando todos os homens do mundo, à exceção de seus antepassados que se salvaram trepando nas árvores mais altas do país.”<sup>49</sup>

Uma experiência de banquete junto aos tupinambás é descrita de forma culturalmente sensível:

A turba não nos interrompeu com uma só palavra durante toda a refeição. Um ancião, entretanto, que nos observava cuidadosamente, e nos vira orar a Deus antes e depois da comida, perguntou-nos: “Que significa isso que acabais de fazer tirando o chapéu por duas vezes, em silêncio, enquanto um só fala? Essas palavras eram dirigidas a vós ou a alguém ausente?”... Depois de responder ao velho que era a Deus que dirigíamos as nossas preces, o qual, embora não seja visto por ninguém, a todos ouve perfeitamente e conhece o que têm no coração, falei-lhes da criação do mundo; e disse-lhes que se Deus havia feito o homem superior aos demais seres era para que pudesse glorificar o Criador...<sup>50</sup>

A reação dos índios, na resposta de outro ancião, foi:

– É certo que dissestes coisas maravilhosas e bonitas que nunca ouvimos; a vossa arenga, entretanto, nos lembra o que muitas vezes ouvimos de nossos avós, isto é, que há muito tempo, já não sei mais quantas luas, um *mair* como vós, e como vós vestido e barbado, veio a este país e com as mesmas palavras procurou persuadir-nos a obedecer a vosso Deus... Depois desse veio outro e em sinal de maldição doou-nos o tacape com o qual nos matamos uns aos outros; e há tanto tempo já o usamos que se agora desistíssemos desse costume as outras nações vizinhas zombariam de nós.<sup>51</sup>

Em todo o colóquio de Léry com os brasilíndios, observamos que ficava clara a tríade conceitual de *criação, queda e redenção*, em contraposição aos conceitos de rejeição da criação e não entendimento da queda, fazendo com que os indígenas não pudessem conceber uma redenção pessoal e corporativa (“Como vós os *mairs* sois felizes por saberdes tantos segredos ocultos a nós, entes mesquinhos, pobres miseráveis!”<sup>52</sup>).

<sup>48</sup> Ibid., p. 209.

<sup>49</sup> Ibid., p. 215.

<sup>50</sup> Ibid., p. 217, 218.

<sup>51</sup> Ibid., p. 218.

<sup>52</sup> Ibid., p. 220.



Quanto a Nicolas Durand de Villegagnon, Crespín afirma:

... Villegagnon, ao contrário do que declarara tantas vezes perante o mundo, jamais teve em seu coração o mínimo temor de Deus e muito menos o desejo de ampliar o reino de Jesus Cristo. Com intuito de pôr em execução seu maligno projeto, formulou um questionário sobre matéria de fé e enviou aos cinco calvinistas, estabelecendo-lhes o prazo de doze horas para que respondessem por escrito.<sup>53</sup>

E nas palavras de Jean de Léry:

... cabe a Villegagnon, exclusivamente, a culpa de não se terem os franceses enraizado nesse país. Fariban de Rouen, capitão do navio, empreendera a viagem a instância de vários personagens notáveis da religião reformada em França e com o propósito, segundo nos declarou, de explorar a terra e escolher um lugar adequado à localização de setecentas a oitocentas pessoas que deveriam vir, ainda nesse ano, em grandes urcas de Flandres, para colonizar o país... Creio que se Villegagnon tivesse permanecido fiel à religião reformada, cerca de dez mil franceses estariam hoje instalados no Brasil..<sup>54</sup>

Darcy Ribeiro diz que vieram com Villegagnon seiscentas pessoas, principalmente artesãos e militares. Com Léry vieram mais trezentas, inclusive cinco jovens noivas que se casaram na colônia. “No fracasso da França Antártica representou papel relevante o ardor religioso de Villegagnon, metade monge, metade soldado. Estalaram logo os conflitos entre huguenotes, calvinistas e católicos, e dilaceraram a comunidade nascente.”<sup>55</sup>

## CONCLUSÃO

Em todas essas leituras, tanto na ficção romanceada em torno dos fatos, quanto nos relatos históricos, fica bastante claro o conflito de visões de mundo das diversas posições que se firmavam no século 16 e que ainda hoje se firmam e contrastam. Foi fascinante a leitura, bem como o garimpo dos principais pensamentos dos personagens quanto ao mundo que era, o que ele não era, e o que poderia vir a ser.

Muitas perguntas permanecem. Por exemplo, seria bom saber mais sobre a figura de Pay-Lo. Laurent de Mehun seria lenda, invenção do romancista ou teria fundamento histórico? Obviamente o autor de *Vermelho Brasil* não indica ser, ele mesmo, um reformado, e sim mais um Pay-Lo ainda jovem quando descobriu o Brasil.

<sup>53</sup> CRESPIÑ, *A tragédia da Guanabara*, p. 53.

<sup>54</sup> LÉRY, *Viagem à terra do Brasil*, p. 250.

<sup>55</sup> RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 91.

A preferência do autor pelas escolhas femininas ligadas à terra lembram as de Jean Jacques Rousseau em sua admiração romântica e nada realista pelo *nobre selvagem*. O nobre inglório e mui selvagem Villegagnon, que destruiu aquilo que pretendia criar, oferece um retrato quase satânico de quem polui tudo em que põe as mãos. Lembra o apóstolo Paulo, que menciona serem todos da mesma estirpe torta (“Desventurado homem que sou! Quem me livrará...?” “Tais fostes alguns de vós, mas vós vos lavastes...”) e passíveis de redenção.

### **ABSTRACT**

This historical-fictional romance deals with the dream, implantation, and destruction of the French colony in the bay of Guanabara, Brazil, between 1555 and 1565. Villegagnon, Thévet, Jean de Léry and pastors Richer and Chartier are real characters who witnessed the first Reformed worship service in the Americas, and were part of a real story. Just, Colombe, and other characters were invented by the author’s imagination in order to illustrate the personal searches and discoveries in the context of the discovery and construction of the new world by the French in Brazil. The Huguenot martyrs Pierre Bourdon, Matthieu Verneuil, and Jean de Bourdel sealed with their blood this attempt to establish the Antarctic France as part of the Reformed conceptual vision.

### **KEYWORDS**

*Rouge Brésil*; Antarctic France; Villegagnon; Calvinism; Jean de Léry.